



FEMINISMO É PAPO DE IGUAL PARA IGUAL

Bleno Caleb de Paula¹

Larissa Costa Silva²

Na entrevista desta edição você vai conhecer um pouco mais sobre os Projetos de Extensão “Rodas de Conversa de e para Mulheres” e “Vamos Estudar Sobre?”, ambos coordenados pela Profa. Dra. Madge Porto, do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Acre.

Quase década de 20 do século 21 e o objetivo do milênio da Organização das Nações Unidas (ONU) é a igualdade de direitos entre homens e mulheres e erradicação da violência contra as mulheres. Em comparação com os homens, as mulheres ainda enfrentam muitas dificuldades no acesso ao ensino e ao mercado de trabalho. Um dos motivos? Elas gastam muito mais tempo que os homens em tarefas domésticas. Dados de 2015 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que o número de mulheres no Brasil é superior ao de homens. 48,52% da população brasileira é composta por homens, enquanto 51,48% são mulheres. Feminismo, portanto, não é assunto de minoria, é papo de igual para igual. E igualdade é o horizonte desse debate que permeia todas as esferas da sociedade, do ensino ao mercado de trabalho, da sexualidade à violência sexual.

E se por um lado a educação é o caminho para reduzir tantas discrepâncias, por outro, o ambiente acadêmico é também cenário de intolerância e violência contra o feminino, apesar de ser visto como um espaço de diversidade, propício para levantar o debate e esclarecer questões latentes na sociedade. “É importante quebrar essa ideia de que a universidade é um espaço isento de violência. Ela reproduz a sociedade e todas as violências que estão fora, estão aqui também”, diz a professora do curso de Psicologia da Ufac, Madge Porto.

Aos 18 anos, quando ainda era estudante do curso de Psicologia na Universidade Federal de Pernambuco, Madge foi abusada por um professor. Viveu na pele o que tantas estudantes universitárias vivem e transformou a experiência em estímulo para o mestrado e doutorado, nos quais estudou o impacto da violência na saúde das mulheres e, por conseguinte, na formação acadêmica e profissional.

¹ Estudante de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Acre.

² Estudante de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Acre.

Hoje, como professora do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Acre, Madge percebe que o assédio e a violência contra a mulher não atingem apenas estudantes de graduação e que, quando especificados, mais de 60% delas revelam já ter passado por alguma violação. Inclusive no que diz respeito à capacidade intelectual das mulheres. “A gente vê não só nas Exatas, mas também nas Humanas, a ideia de que elas não têm pensamento suficiente, de que não têm raciocínio, não têm capacidade de desenvolvimento do pensamento matemático e ficam sendo ridicularizadas”, conta.

Nessa entrevista para a Revista Nawa, Madge Porto fala dos projetos que desenvolve na Ufac para fortalecer o diálogo, reduzir a desigualdade entre os gêneros e, assim, contribuir para o objetivo do milênio da ONU. Confira!

Qual a importância do Projeto de Extensão “Roda de Conversa de e para Mulheres” e do atendimento psicológico para mulheres na Ufac?

A Roda de Conversa de e para Mulheres faz parte do projeto de extensão que eu coordeno, sobre a contribuição da Ufac para o alcance do terceiro objetivo do milênio da Organização das Nações Unidas: a igualdade entre homens e mulheres. É um projeto amplo, que está no segundo ano de desenvolvimento, em que a ideia é favorecer oportunidades para essas igualdades.

E nesse processo, a ONU destaca o acesso das mulheres à educação. E por essa amplitude, eu faço alguns trabalhos, como palestras fora da universidade, atendo demandas para uma discussão mais ampla, participo de encontros sobre projetos, como acontece na Secretaria Municipal da Mulher.



3

³ Varal Feminista produzido na “Roda de Conversa de e para Mulheres”. Foto: Madge Porto.

A ideia inicial no primeiro ano da roda de conversa era oferecer um espaço de escuta para as situações de violência ocorridas no ambiente universitário. No final dos anos 80, enquanto estudante na Universidade Federal de Pernambuco, fui abusada por um professor, quando eu tinha 18 anos. E a universidade respondeu apenas que não chamaria mais esse professor para dar aula na Psicologia. E naquela época não tinha lei Maria da Penha, não tinha nenhuma das nossas referências de marco legal. E esse professor não deixou de ser chamado. Era um homem de bem, casado, mais velho, cabeça branca.

A universidade é vista como um espaço plural e de debate. Ainda assim existe o silenciamento de casos de violência e intolerância?

É importante quebrar essa ideia de que a universidade é um espaço isento de violência. A universidade reproduz a sociedade e todas as violências que estão fora, estão aqui também. E em 2017, no Acre, para a minha tristeza, fui abordada por estudantes de Psicologia, meninas de 17 anos, que foram abusadas por um professor. Essas foram as motivações para a roda de conversa, precisamos oferecer uma oportunidade para essas jovens falarem e, a partir dessa escuta, construirmos um plano para que a gestão superior da universidade dê uma resposta a casos como esse. Historicamente, a característica das universidades é esconder esse tipo de fato. Porque é como se pegasse mal para a instituição. Então é melhor não divulgar isso.

Recebi também no ano passado por encaminhamento de uma pró-reitora, uma estudante do doutorado, mais velha que eu, ou seja, na casa dos 50, sendo assediada pelo orientador. Ela tinha um dilema: continuar com o seu orientador, porque era o único que ia desenvolver o trabalho, ou jogar fora o projeto. E é sobre isso que eu quero falar, é essa questão que eu quero enfrentar. E sei que não tenho muita simpatia, principalmente de alguns colegas homens e, às vezes, por parte da gestão, que se sente agredida, é como se ela perdesse credibilidade. No meu ponto de vista, se ela enfrentasse o problema seria melhor.

Além da sexual, quais outras formas de violência são mais recorrentes no ambiente acadêmico?

Há um levantamento do Data Popular e da Avon publicado na internet para a gente ver esse montante. Mais de 60% das meninas relatam violência quando ela é especificada. Por exemplo, se eu digo: “você já sofreu violência na universidade?”. Somete 10% vão dizer que sim. “Você já foi obrigada por um rapaz a beber alguma coisa em festa, já foi obrigada a ter relação sexual com um rapaz, já foi obrigada a participar de leilão, de um desfile, de um ranking de beleza?”. E então mais de 60% começam a dizer que sim. As meninas vêm para a universidade com medo. Mais de 40% delas têm medo de estar na universidade, de ser assediada e agredida por colegas e

por professores. Fora uma violência que é muito velada e que a gente vê não só nas Exatas, mas também nas Humanas, a ideia da incapacidade das mulheres, de que elas não têm pensamento suficiente, não têm raciocínio, não têm capacidade de desenvolvimento do pensamento matemático e as meninas ficam sendo ridicularizadas, por exemplo, em sala de aula. O meu foco inicial era a violência sexual, mas a gente começou a perceber essas outras violências, as violências simbólicas.



4

No ano passado, houve a divulgação de uma festa do curso de Medicina que gerou bastante polêmica dentro da universidade. Como você analise esse episódio?

Os estudantes divulgaram a festa no restaurante universitário usando uma boneca inflável, vestida de roupa sexy e algumas meninas se sentiram agredidas com isso e me procuraram, porque eu passei a ser uma espécie de referência para essa discussão aqui. Aí colocaram no Facebook e virou uma treta, porque eles acharam que era apenas uma brincadeira, não entendiam a violência simbólica. Porque no momento em que você coloca uma boneca inflável, cheia daqueles orifícios explícitos, você está dizendo: “olha, o corpo da mulher está à disposição, então vá para a festa e fique à vontade”.

⁴ Artes de divulgação dos projetos produzidas pela estudante de Comunicação Social – Jornalismo da Ufac, Ana Luiza de Lima.

Com esses elementos, as meninas perceberam que eu ia para o confronto pela informação e não pela agressão e elas sentiram a necessidade de que também precisavam acessar essas informações, esse estudo. Foi quando ao fim do ano, elas propuseram que a gente não tivesse apenas espaços da conversa, mas espaços de formação. A gente pensou para 2017 dois encontros por mês, um é a roda de conversa e outro é o Vamos Estudar Sobre. Já estudamos sobre relacionamentos abusivos, violência contra a mulher, feminismo, conceito de gênero, a repercussão da violência na saúde da mulher... Estamos aqui para questionar, incomodar. Quero provocar esse debate para que a universidade seja um lugar que acolha as mulheres, onde elas possam fazer os seus projetos acadêmicos e, assim, ocupar os espaços de poder, que a nós também é cabido. Nós somos mais de 50% da população, temos direito a 50% de todos os espaços.

Existe uma resistência ao feminismo em diversos setores da sociedade, não apenas pelo confronto das ideias, mas como desmerecimento da causa. Essa reação nasce do preconceito e da falta de informação?

Tem uma história de que feminismo e igualdade de gênero são uma ideologia para doutrinar e esse é um pensamento desonesto. Isso para mim é desonestidade intelectual, porque nós temos estudos de gênero, teorias de gênero, que fazem com que percebamos essa diferença, essa interiorização, esse acúmulo de trabalho que impede as mulheres de estar em lugares de poder. Isso é construção cultural, não é natural, com base nas principais religiões monoteístas e patriarcais que colocam as mulheres em posição de inferioridade.

Como você avalia o avanço do conservadorismo na sociedade e, claro, na universidade também?

Seria esperado da universidade o protagonismo. Mas estamos vendo a universidade ser invadida por um pensamento conservador e retrógrado. Tenho ficado até com medo de ações de grupos pró-nazismo, de um fundamentalismo religioso. A religião não é algo ruim, mas o fundamentalismo é. A universidade é laica, assim como o país. A opinião formada a partir de crenças religiosas não pode se sobrepor ao conhecimento científico.

Como participar dos Projetos de Extensão “Roda de Conversa de e para Mulheres” e do “Vamos Estudar Sobre”. Como funcionarão estes projetos em 2018?

Quem quiser chegar pode participar, não precisa fazer inscrição nem nada. Os certificados serão emitidos de acordo com o tempo que a pessoa permanecer no evento. Possuímos uma página de

divulgação dos eventos no Facebook: <https://www.facebook.com/groups/1697071680585762/> e também fazemos a divulgação em murais da Ufac. Agora preciso fazer um planejamento para o ano de 2018, que será o terceiro ano do projeto. Logo depois das férias voltaremos e faremos as divulgações das datas e locais das reuniões.